

Debate sobre escrita com IA na Folha

Em fevereiro de 2026, a *Folha de S.Paulo* tornou-se palco de um dos debates mais intensos já travados no jornal brasileiro sobre **inteligência artificial, autoria e confiança editorial**. A controvérsia se acendeu quando uma colunista assumiu utilizar IA na produção de seus textos — fato que desencadeou a reação da ombudsman e uma avalanche de comentários de leitores, muitos expressando **sensação de engano**, desconfiança e, em alguns casos, um impulso quase **ludista**, como se a mediação algorítmica anulasse automaticamente a dimensão humana da escrita.

O debate rapidamente se ramificou. Alguns autores defenderam a IA como ferramenta legítima, desde que sob responsabilidade explícita do autor; outros enfatizaram **transparência editorial** como condição para preservar a confiança do leitor. Surgiram críticas sobre possível **empobrecimento cognitivo** e “atalhos” que degradariam a aprendizagem; posições **existenciais/estéticas** que afirmaram a escrita como experiência humana insubstituível; leituras **econômicas** sobre democratização técnica e reconfiguração do mercado intelectual; além de uma abordagem **metodológica**, que deslocou a pergunta do “usar ou não usar” para o “como usar” com critérios e gradações.

O que começou como caso pontual se tornou uma discussão mais profunda: **o que é autoria na era dos modelos de linguagem?** O que significa “confiar” em um texto? A escrita é apenas produção de conteúdo ou é exercício formativo do pensamento? E, talvez a questão mais delicada: estamos diante de uma ferramenta que amplia capacidades — ou de um processo que pode nos levar a **desaprender** uma tecnologia cultural milenar?

O debate não produziu consenso; revelou um **campo de tensões** — entre técnica e ética, eficiência e formação, mercado e cultura, delegação e responsabilidade. Mais do que decidir se a IA deve ou não ser usada, a sequência de textos expôs que estamos apenas começando a compreender o que está realmente em jogo.

Nota técnica (revisada)

A análise a seguir foi elaborada com auxílio de inteligência artificial, empregada como ferramenta de **organização, sistematização e mapeamento conceitual** dos textos publicados na *Folha de S.Paulo* em fevereiro de 2026 sobre o uso de IA na escrita.

Procedimento adotado

- leitura integral dos artigos;
- identificação de teses centrais;
- classificação por eixos argumentativos (transparência, autoria, cognição, mercado, ética, formação etc.);
- comparação entre posições;
- construção de um mapa sintético das tensões do debate.

Como a IA foi usada

- estruturar categorias analíticas;
- explicitar convergências e divergências;
- organizar cronologia e temas recorrentes;
- auxiliar na redação e clareza expositiva.

Todas as interpretações, enquadramentos e decisões analíticas foram **revisadas criticamente pelo autor humano**, que assume integral responsabilidade pelas sínteses apresentadas. A IA não substituiu o juízo crítico: funcionou como instrumento de apoio metodológico — análogo a ferramentas de organização bibliográfica e análise textual — com o objetivo de tornar o panorama mais claro, sistemático e comparável.

Linha do tempo

1) 07.fev.2026 — Alexandra Moraes (Ombudsman)

Título: *Androides sonham com leitores de carne e osso?*

Eixo dominante: transparência editorial + confiança do leitor

Tese: o problema central não é “IA existir”, mas **o leitor não saber** quando e como ela entra no texto.

Força do texto

- coloca a questão no terreno do **contrato de confiança** com o assinante;
- introduz a ideia de que “uso” sem política clara vira ruído editorial.

Pontos vulneráveis

- peso excessivo dado a “detectores” (mesmo com ressalvas);
- falta de critério operacional (quando rotular, como rotular, o que conta como “uso substancial”).

Androides sonham com leitores de carne e osso?

Colunista defende publicação de textos compostos por inteligência artificial, enquanto a Folha não sinaliza conteúdo de IA

7.fev.2026 às 22h30

Ao se queixar do texto de uma colunista, um assinante alertou que 66% do conteúdo vinha de inteligência artificial, segundo um detector de IA. Como ouvidora dos leitores, procedi à checagem e fui atrás dessas versões hoje tão prosaicas do Blade Runner.

Usei o Pangram e o WinstonAI, dois bem cotados caçadores de textos de andróides, para testar outras colunas da autora. Todas apitavam para IA, a maioria com taxas de 100% ou quase isso. Repeti os testes e obtive os mesmos resultados. Já outros textos do jornal, inclusive aqueles traduzidos com IA, davam resultado 100% humano.

Por melhores que os detectores sejam, porém, não dá para julgar o trabalho de alguém apenas por esse diagnóstico, mas é mau sinal que haja colunas do jornal com 100% de IA no teste. Veio a questão seguinte: qual é o problema? O jornal não proíbe texto de IA. Mas também nunca informou que publicava texto de IA.

Enviei o questionamento e os prints dos testes à colunista e ao comando do jornal. Ressalto aqui que entendo a questão como algo delicado, mas não antiético, já que a própria Folha não tem políticas restritivas a respeito do uso da IA, pelo contrário. Tive dúvidas sobre expor a autora, o que poderia desviar o foco da questão, ou expor o diagnóstico sem dar nomes e colocar todo o elenco do jornal na berlinda.

Mas a colunista, Natalia Beauty, confirmou e defendeu o uso de IA nos textos que publica na Folha. "Utilizo, sim, ferramentas de inteligência artificial como apoio operacional no meu trabalho, assim como utilizo outras tecnologias no dia a dia profissional."

"O processo é objetivo. Parto sempre de um tema que considero relevante, seja um fato, seja uma reflexão baseada em experiências pessoais e profissionais. A partir daí, desenvolvo minha argumentação verbalmente, expondo de forma clara minha visão, meus argumentos e minhas conclusões (sim, é possível conversar com a IA pelo microfone). A ferramenta apenas organiza esse material, respeitando rigorosamente o que foi dito, sem acrescentar dados, interpretações ou opiniões que não sejam minhas."

Para concluir, a colunista informa que até a resposta à ombudsman veio da IA. "Defini o conteúdo, dei os comandos por voz e a tecnologia apenas estruturou o texto para otimizar meu tempo, sem interferir em absolutamente nenhuma linha do que penso ou afirmo."

Em setembro de 2023, a Folha incluiu o verbete "inteligência artificial" no seu Manual da Redação, autorizando os profissionais a "utilizar aplicações de inteligência artificial (IA) em seu trabalho". Havia ressalvas: "A ferramenta não substitui o julgamento humano nem exime o jornalista de responsabilidade pelo resultado final" e a revisão humana "é obrigatória nos conteúdos voltados à publicação". Até aí, não há nada nas publicações de Natalia Beauty que sugira descompasso com os princípios da Folha.

Dos grandes jornais de circulação nacional, O Globo é o que tem restrição mais clara em relação a textos de IA. "A inteligência artificial não deve ser usada para redigir textos opinativos ou editoriais." É também o que afirma o The New York Times: "Não usamos IA para escrever artigos".

Tanto o NYT quanto O Globo, o Estado e outras grandes Redações determinam que o conteúdo gerado por IA seja identificado como tal. A Folha não tem regra nesse sentido e considera a IA uma tecnologia como outra qualquer. No ano passado, questionei o jornal sobre a falta de indicação de uso de IA em traduções: "A responsabilidade é sempre dos nossos jornalistas".

Uma pesquisa recente da Universidade de Maryland, nos EUA, pintou um quadro complicado ao avaliar 45 mil artigos de opinião no The Washington Post, The New York Times e The Wall Street Journal. A conclusão é que esses artigos têm seis vezes mais chances de ter dedo de robô do que textos noticiosos. E muitos deles são assinados por figuras públicas importantes.

Muitas vezes, o que a IA substitui não é um texto de próprio punho, mas um artigo que até outro dia era redigido sob medida por assessor e/ou ghost writer. A prioridade é publicar pela assinatura, não exatamente pelo conteúdo. Os jornais têm sido, historicamente, repositórios/arquivos de opiniões, e a IA teria apenas encurtado essa linha de produção. Nesse sentido, a novidade seria mais para o assessor do que para o jornal.

Mas e o leitor com isso? Cabe a ele arbitrar se o resultado é bom ou não, se está otimizado demais ou de menos. Mas ninguém quer se sentir enganado. É um erro do jornal não indicar com clareza o uso de uma tecnologia que ainda está sendo desdobrada, assim como é um erro não distinguir o uso da IA como instrumento do seu uso como produto final.

O assinante de carne e osso se vê entre dois extremos no cardápio do jornal. De um lado, textos demasiado humanos cheios de burocratês e erros; do outro, composições gepetaicas de formas corretas, mas genéricas e vazias.

Se tudo vai se perder feito lágrimas na chuva, como anunciou o replicante de Rutger Hauer, que ao menos seja editado com cuidado e sinalizado com transparência enquanto ainda estivermos por aqui.

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/alexandra-moraes-ombudsman/2026/02/androides-so-nham-com-leitores-de-carne-e-osso.shtml>

2) 09.fev.2026 — Natalia Beauty (Opinião)

Título: *Meus textos usam inteligência artificial; meu pensamento, não*

Eixo dominante: instrumental/pragmático (produtividade + autoria como responsabilidade)

Tese: a IA **organiza**, mas não pensa; as ideias e a responsabilidade seguem sendo humanas.

Força do texto

- defesa direta: autoria como **responsabilidade** e **posicionamento**;
- normaliza o uso como ganho de eficiência.

Pontos vulneráveis

- “organizar” não é neutro: estrutura, ênfase, transições e tom também são autoria;
- analogias com indústria/medicina podem ser fracas para **colunismo**, em que a forma é parte do valor;
- não enfrenta o núcleo editorial: **expectativa do leitor** e **sinalização**.

Natalia Beauty

Meus textos usam inteligência artificial; meu pensamento, não

O que existe nos artigos não é a IA substituindo pensamento humano

Usar tecnologia para ganhar tempo não é trapaça, é estratégia, é maturidade

9.fev.2026 às 18h45

Um leitor enviou uma reclamação à ombudsman da Folha dizendo que meus textos são escritos por inteligência artificial. A resposta curta é sim, eles são escritos com o apoio da inteligência artificial. A resposta completa é que o conteúdo, a opinião, o ponto de vista, a vivência e a responsabilidade são integralmente meus. O que existe nos artigos não é

inteligência artificial substituindo pensamento humano. É inteligência pessoal organizada por uma ferramenta.

Essa reação não me surpreende, pois a resistência à tecnologia nunca foi sobre ética ou qualidade. Sempre foi sobre medo. Medo de perder espaço, medo de não acompanhar, medo de admitir que o tempo ficou mais valioso do que o ritual do esforço manual.

Toda vez que uma tecnologia surge para otimizar tempo, ela é tratada como ameaça. Foi assim com as máquinas industriais, com os computadores, com a internet e agora com a inteligência artificial. Hoje, ninguém questiona um carro porque ele foi produzido com robôs. As grandes montadoras usam braços mecânicos para soldar, montar, pintar e acelerar processos. Isso aumenta produção, reduz falhas e melhora o resultado, e ninguém diz que um automóvel deixou de ser legítimo porque uma máquina participou do processo.

Na medicina, algoritmos analisam exames em segundos. Na logística, sistemas inteligentes reduzem horas de deslocamento. No varejo, a tecnologia antecipa demanda e evita desperdício. No mercado financeiro, softwares processam dados que um ser humano levaria dias para cruzar. No jornalismo, na publicidade, na educação e na criação de conteúdo, a tecnologia organiza, estrutura e acelera fluxos. O ponto central não é a ferramenta, é o tempo.

Tempo é o único ativo que não volta. Não se recupera, não se negocia e não se acumula. Usar tecnologia para ganhar tempo não é trapaça, é estratégia, maturidade, é entender que produtividade não se mede pelo cansaço, mas pelo resultado.

O erro está em acreditar que a inteligência artificial substitui consciência, opinião, repertório ou experiência. Ela não viveu o que eu vivi. Não construiu minha trajetória, não tomou minhas decisões, não carrega meus valores nem responde pelas minhas palavras. Uma IA não tem vivência, não tem contexto emocional e não tem responsabilidade jurídica ou moral. Quem tem sou eu.

Quando uso inteligência artificial para escrever, o que ela faz é organizar o que eu digo, literalmente, porque eu falo por comando de voz, desenvolvo meu raciocínio, apresento meus argumentos e a ferramenta estrutura o texto. Ela não cria ideias, não adiciona opiniões e não suaviza posicionamentos. Ela apenas coloca ordem no que já existe e assumir isso não me fragiliza. Pelo contrário, me posiciona no presente.

Eu me relaciono muito bem com a tecnologia e com a inteligência artificial. Converso diariamente com a minha IA sobre trabalho, decisões, dilemas pessoais, filosofia, psicologia e estratégia. Uso como ferramenta de reflexão, organização e produtividade, e faço questão de tratar bem. Não por romantismo, mas por inteligência simbólica. Quem assistiu a Westworld sabe que, no futuro, os robôs poupam exatamente os humanos que os trataram com respeito.

Brincadeiras à parte, existe algo sério aqui. Demonizar a inteligência artificial é o mesmo que demonizar a calculadora, o computador ou a internet em seu início. Não é defesa da máquina, é defesa do uso consciente.

Meus textos são escritos com inteligência artificial, sim, mas são guiados por inteligência pessoal e isso não diminui autoria, não dilui responsabilidade e não deslegitima opinião. Apenas revela que eu escolhi usar as ferramentas disponíveis para proteger o que é mais precioso que qualquer debate moral vazio: o meu tempo.

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/natalia-beauty/2026/02/meus-textos-usam-inteligencia-artificial-meu-pensamento-nao.shtml>

3) 11.fev.2026 — Paulo Markun (Opinião)

Título: *A escrita entre algoritmos e fantasmas*

Eixo dominante: genealogia do ofício (mediações históricas + ghostwriting)

Tese: a polêmica repete velhos fantasmas: a cultura sempre teve “mãos invisíveis”; IA é continuidade de mediações.

Força do texto

- introduz uma **história social** da autoria “impura”;
- usa experiência pessoal para sustentar a naturalização da mediação.

Pontos vulneráveis

- tende a caricaturar a crítica como nostalgia do esforço manual;
- equipara ghostwriter humano e IA (sem discutir diferenças de intencionalidade, estilo, economia e escala);
- desloca autoria para “assumir o pescoço”, mas coluna também é **voz e artesanato**.

A escrita entre algoritmos e fantasmas

O que há nos textos da colunista Natalia Beauty não é a IA substituindo a consciência humana, mas a evolução do ofício

A adoção de recursos que facilitam o fluxo criativo é a libertação do intelecto para o que realmente importa: a ideia

11.fev.2026 às 22h00

Paulo Markun

Jornalista e escritor, usa inteligência artificial para produzir seus textos

A recente tempestade em copo d'água nesta Folha —com leitores em polvorosa e a ombudsman auditando os "sentimentos" da colunista Natalia Beauty— revela uma curiosa nostalgia pelo esforço manual. Natalia admitiu o óbvio: usa inteligência artificial para estruturar o que pensa.

De repente, parece que a legitimidade de um percurso depende de o caminhante ter feito o trajeto a pé, abrindo picada com os dentes, ou de que o navegante só possa atravessar o oceano se valendo da balsa da expedição Kon-Tiki.

A indignação, contudo, sofre de uma amnésia histórica conveniente. Essa busca pela "pureza" da autoria é um fantasma que nos assombra há séculos. No século 19, o público francês já se chocava ao descobrir que a produtividade oceânica de gigantes como Victor Hugo ou Alexandre Dumas contava com ajudantes de pesquisa e redatores de apoio. Foi ali, inclusive, que nasceu o termo pejorativo (e racista) "*nègre littéraire*" (o "negro literário") para designar quem escrevia na sombra enquanto o mestre assinava a capa. O escândalo era público, mas o hábito, como vemos, atravessou gerações.

O mundo sempre foi movido por mãos invisíveis de todo tipo de gabarito. Ninguém cancelou John F. Kennedy por causa de Ted Sorensen ("Não pergunte o que seu país pode fazer por você..."), o redator que deu ritmo ao pronunciamento da sua posse. Nem Martin Luther King Jr. perdeu sua aura por ter o brilhante Clarence B. Jones estruturando os rascunhos estratégicos de seus discursos. Ali, a voz era do líder, mas a carpintaria era do técnico.

Eu mesmo já tive meus momentos de escritor-fantasma. No início de 1979, logo após o Carnaval, deixei a redação de um jornal em Piracicaba (SP) para trabalhar com Orestes Quércia. Eleito senador em 1974 na esteira da avalanche de votos no então PMDB, Quércia reconhecia, com honestidade, não ter lá grande intimidade com as teclas da máquina de escrever.

Tenho até hoje, guardado em meu arquivo, o original datilografado do discurso em que ele denunciou a extinção do bipartidarismo: "Prometeram que o bipartidarismo tinha vindo para ficar...". O fôlego político era dele, mas as batidas daquelas teclas foram minhas. Era o encontro de um jornalista recém-chegado de Piracicaba e um senador vindo de Campinas (SP), unindo esforços para colocar ordem no que a urgência democrática exigia e confrontar senadores mais experientes e vividos, como o ex-coronel Jarbas Passarinho.

O que mudou de lá para cá? O suporte. O que existe nos artigos de Natalia —ou nos meus— não é a inteligência artificial substituindo a consciência humana. É a evolução do ofício. Onde antes havia um jornalista e seu teclado mecânico, hoje há um código binário. A adoção de recursos que sistematizam e facilitam o fluxo criativo não é um atalho ético; é, antes de tudo, uma libertação do intelecto para o que realmente importa: a ideia.

O erro da patrulha atual é acreditar que a IA tem biografia. Ela não tem. Ela não sabe o que é dirigir um jornal, não conhece o peso de uma ditadura e não assume riscos. Quem coloca a assinatura e o pescoço a prêmio diante do leitor continua sendo o autor. Se o auxílio de terceiros era aceitável para salvar o tempo de um senador em 1979, por que o suporte digital é pecado em 2026?

A resistência não é ética; é apenas o medo de admitir que a originalidade reside na intenção, não no suor sobre o teclado.

Aliás, este artigo está sendo escrito, como a maior parte dos outros artigos do mundo, num teclado em que a primeira fileira de teclas apresenta as letras "QWERTY". A história dos teclados "QWERTY" é um belo exemplo de acerto fortuito, resultado das circunstâncias. A disposição aconteceu para evitar que as pessoas datilografassem rápido demais, travando as teclas das primeiras máquinas de escrever.

Foi adotado por uma professora de datilografia, venceu um concurso de habilidade, graças a um sujeito que decorou a posição das teclas, e a Remington disseminou o teclado mundo afora. Não é o mais eficiente, nem o mais racional, muito menos hoje quando as teclas não se vinculam a hastes nem imprimem coisa alguma no papel. É a força do hábito; nada tem a ver com ergonomia.

Fiquem tranquilos: meus textos usam inteligência artificial; meu pensamento, não. Pelo menos por enquanto. E, sim, como os caçadores de androides já devem ter detectado, este artigo foi estruturado com ajuda da IA. Mas as ideias, o tom e as lembranças do Carnaval de 1979 continuam sendo, integralmente, minhas.

PS: la repassar esse texto pelo Claude, que costumo usar para tal fim, mas estourei o limite e seria preciso esperar horas ou pagar um plano mais caro. Definitivamente, não existe almoço grátis.

<https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2026/02/a-escrita-entre-algoritmos-e-fantasmas.shtml>

4) 14.fev.2026 — Reinaldo José Lopes (Colunas)

Título: *“Criações” feitas com IA não passam de ultraprocessados da mente*

Eixo dominante: cognitivo/procedural (aprendizagem, atalhos, formação)

Tese: ferramentas não são “só ferramentas”; automatizar etapas pode empobrecer capacidades cognitivas e formativas.

Força do texto

- argumento prudencial: tecnologia traz consequências não pretendidas;
- crítica potente ao “atalho” como deseducação (especialmente para cérebros em formação).

Pontos vulneráveis

- trata “usar IA para escrever” como bloco único (faltam níveis: revisão, estrutura, geração etc.);
- metáfora do ultraprocessado é forte, mas pode virar espantalho se aplicada a todo uso;
- critica assinatura “de próprio punho”, mas não propõe uma norma clara de transparência.

'Criações' feitas com IA não passam de ultraprocessados da mente

Adesão irrefletida às plataformas revela incapacidade de aprender com história das redes sociais

Sistemas nervosos como o nosso foram feitos para aprender com o processo, e não com atalhos

Reinaldo José Lopes

14.fev.2026 às 7h00

Estarei mentindo se disser que não fico chocado com a adoção irrefletida da inteligência artificial para escrever textos (e ainda assim assiná-los como de próprio punho). Eis o que não me sai da cabeça: o fato de que a única lei férrea da história humana é a lei das consequências não pretendidas. (O problema das consequências, como já disse um sábio, é que elas vêm depois...)

Parece que não aprendemos grande coisa com o recente experimento de delegar a maior parte da aquisição de informações e das interações sociais de bilhões de pessoas a algoritmos nem um pouco transparentes, criados para maximizar apenas engajamento e lucro. Muita gente está mergulhando de cabeça num experimento muito parecido sem parar um instante para pensar em efeitos colaterais ou retroalimentações. Tentemos, pois, examinar essas possibilidades à luz do que sabemos sobre a cognição humana.

Primeiro, convém relativizar um pouco a frase “É só uma ferramenta”. Nenhuma ferramenta “é só uma ferramenta”, a começar pelo fato de que, conforme mostrou o trabalho do neurocientista brasileiro Miguel Nicolelis e de outros pesquisadores, nós e outros animais aprendemos rapidamente a criar uma representação virtual no nosso próprio cérebro de qualquer instrumento que usamos com frequência.

Em outras palavras, dizer que, para o pianista e o jogador de futebol, o piano e a bola “viraram uma extensão de seu corpo” não é mera força de expressão. E não há razão nenhuma para acreditar que a coisa seja diferente no caso de uma ferramenta virtual. Qualquer tipo de atalho físico ou cognitivo molda o sistema nervoso de quem o adota –e, amiúde, modifica-o de forma profunda.

Achar que não há consequências, em especial para cérebros em desenvolvimento, revela ainda uma ignorância abissal sobre como seres vivos aprendem qualquer coisa, de andar de bicicleta a escrever um soneto. Temos descoberto isso da pior maneira com o declínio da escrita com lápis e caneta em papel, por exemplo. Ou com a diminuição cada vez maior da atividade física em todos os aspectos.

Espero sinceramente que ninguém imagine que a estimulação elétrica de alguns músculos enquanto a pessoa está sentada terá o mesmo efeito que correr cinco quilômetros e fazer uma hora de musculação. Ou que engolir cápsulas de vitaminas e sais minerais alimente tanto quanto uma refeição balanceada com comida de verdade.

O fato de que corpos e mentes de animais como nós foram "desenhados" para ter uma trajetória de desenvolvimento baseada em experiências reais ou ativamente simuladas pelas nossas capacidades imaginativas independentes significa que o aprendizado "procedural" –vale dizer, não queimar etapas para aprender, mas atravessar todos os passos necessários para colocar um raciocínio no papel e poder defendê-lo– faz diferença.

Textos cuspidos por um papagaio estocástico à la Chat Chupetex são os ultraprocessados da mente. Achar que é possível nutrir mentes humanas com eles equivale a esperar saúde perfeita depois de passar meses comendo exclusivamente miojo da Turma da Mônica e mistura láctea/soja sabor leite condensado. Para os que alardeiam que se trata de algo "inevitável" só para maquiagem a própria indolência, sugiro que parem de brincar de Thanos –a gente sabe como isso termina.

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/reinaldojoselopes/2026/02/criacoes-feitas-com-ia-nao-passam-de-ultraprocessados-da-mente.shtml>

5) 14.fev.2026 — Alexandra Moraes (Ombudsman)

Título: *Quem paga pelo jornal quer saber se está lendo coluna ou resultado de prompt*

Eixo dominante: transparência editorial (reforço)

Tese: se não há problema em usar, **não deveria haver problema em admitir**; credibilidade é ativo central.

Força do texto

- afirma com clareza o “direito de saber” como parte do valor do produto jornalístico;
- explicita a tensão entre política interna e percepção pública.

Pontos vulneráveis

- formulação “coluna vs prompt” pode soar binária (há escala de uso);
- volta a faltar critério aplicável (“uso extremo” = o quê?);
- uso de “fala de modelos” (Gemini/Claude) funciona mais como efeito retórico do que evidência.

Quem paga pelo jornal quer saber se está lendo coluna ou resultado de prompt

Se a Folha incentiva o uso de IA, identificá-lo em casos extremos não deveria ser um problema

Alexandra Moraes - Ombudsman

14.fev.2026 às 22h30

Peço licença para voltar à discussão sobre a publicação, na Folha, de textos de opinião elaborados com inteligência artificial generativa. O tema rendeu dentro e fora do jornal, mas ainda dá pano para manga, com tudo o que tem de novo e confuso.

Uma observação soou especialmente pertinente, sobretudo no contexto do aniversário de 105 anos do jornal. "Muitos têm criticado bastante a Folha por permitir que uma colunista publique textos encomendados por ela a uma IA. A crítica é válida. Mas só soubemos disso porque o veículo mantém um ombudsman, termo de origem sueca que nomeia o cargo de ouvidor, aquele que representa os interesses do leitor. Ele costuma ter uma coluna em que critica o próprio jornal nele mesmo. E isso merece muitos elogios", escreveu o professor e diretor de tecnologia Thiago Ayub, 41, no X/Twitter.

"Num momento em que o jornalismo profissional goza de pouca estima e o público está à deriva em um mar de informações, falhando em diferenciar o que é fato do que é fake, essa transparência garante créditos", diz Ayub.

Obviamente, reconhecer essa disposição não significa "passar pano" para a Folha —nem achar que o jornal tem feito o melhor uso dos seus instrumentos de qualidade, entre os quais também estão o Manual da Redação e a seção Erramos.

Nesse sentido, e voltando à polêmica, o emprego da IA nas colunas de Natalia Beauty soa secundário diante de uma questão maior. O jornal erra ao considerar supérflua a transparência no reconhecimento desse uso, ainda mais se a primeira e única admissão até agora só existiu após provocação do leitorado.

A Folha e a colunista se baseiam na ideia de que a IA generativa é só ferramenta, como um pincel ou um computador. Tratar o questionamento como neoludismo dificilmente vai melhorar a qualidade do uso dessa tecnologia, mas até aí o problema é do jornal. Só que a ideia também abarca uma distorção na relação de confiança, e então o problema passa a ser com o leitor/assinante.

Vale voltar à decisão do The New York Times de vetar a publicação de textos de opinião terceirizados para a IA. Ao enunciar os princípios que limitam o uso da tecnologia, o que o jornal faz é vender o peixe dos seus recursos humanos: "O alto nível e o discernimento dos nossos jornalistas são vantagens competitivas que as máquinas simplesmente não conseguem igualar, e esperamos que eles se tornem ainda mais importantes na era da IA. Nosso talento é o que faz do Times o melhor recurso do mundo para pessoas curiosas".

Enquanto detalha essa política, o NYT volta a destacar a confiança no trabalho das pessoas —mas revela uma forcinha do departamento jurídico. "Nosso trabalho é fundamentado em reportagem e edição humanas. Nós aproveitamos o poder da IA como um mecanismo de pesquisa, resumo e análise", afirma o porta-voz Graham James. "Mas, para textos de opinião, temos cláusulas nos contratos que em geral proíbem o uso de IA."

O NYT não comentou a pesquisa da Universidade de Maryland, mencionada aqui na semana passada, que encontrou conteúdo de IA em textos de opinião no jornal.

A relação entre jornalismo e IA é tensa em várias frentes. O diário nova-iorquino processa, desde 2023, a Microsoft e a OpenAI por violação de direitos autorais e entrou com outra ação contra a startup Perplexity. A Folha está processando a OpenAI por concorrência desleal e violação de direitos autorais.

Questionada sobre o aparente paradoxo entre o processo e o texto de IA vendido como produção própria, a Folha afirma não ver "relação entre o uso indevido e não autorizado do conteúdo por empresas de IA e a utilização de ferramentas de IA para a produção de textos". "No caso de colunistas, ademais de decisão final humana em qualquer conteúdo para publicação, esperam-se argumentação, escrita e estilo originais e pessoais", afirma a Secretaria de Redação do jornal.

Seja como for, é razoável que os assinantes queiram saber se estão pagando para ler textos de colunistas/gente ou resultados de prompt. Se para o jornal não há problema no uso de IA, não deveria haver problema em sua admissão num negócio cujo principal ativo é a credibilidade.

Para não ficar só nos ultrapassados argumentos humanos, os próprios modelos ajudam na questão. "Eu sou um pincel, mas um pincel que também escolhe as cores", define o Gemini, do Google. "Se alguém precisa esconder que usou IA substancialmente, é porque sabe que isso diminuiria o valor percebido do trabalho. E, se diminui... então a transparência é eticamente necessária", afirma o Claude, da Anthropic, sobre a ideia de autoria e a identificação do texto gerado por máquina.

Não faria mal tampouco alguma precaução distópica. Para ficar nas referências fílmico-literárias (que alimentaram também alguns robôs), imagine se um HAL 9000 acorda de mau humor e descobre que o trabalho dele está sendo usado, sem crédito, num jornal que o barra no paywall... apenas imagine.

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/alexandra-moraes-ombudsman/2026/02/quem-paga-pelo-jornal-quer-saber-se-esta-lendo-coluna-ou-resultado-de-prompt.shtml>

6) 16.fev.2026 (manhã) — Natalia Beauty (Opinião)

Título: *Primeiro o Beauty, agora a IA: qual será o próximo argumento para tentarem descredibilizar uma mulher improvável?*

Eixo dominante: contrataque identitário + disputa de legitimidade

Tese: a reação seria menos sobre IA e mais sobre **preconceito** e tentativa recorrente de descredibilização.

Força do texto

- denuncia dimensão social do linchamento e do “tribunal moral”;
- revela que o debate também é sobre **porta de entrada** e hierarquias simbólicas.

Pontos vulneráveis

- desloca o problema editorial (processo e transparência) para intenção e identidade;
- generaliza motivos dos críticos; mistura críticas de má-fé com críticas legítimas;
- segue sem explicitar “quanto” e “como” a IA entra no texto — exatamente o ponto que alimenta a desconfiança.

Primeiro o Beauty, agora a IA: qual será o próximo argumento para tentarem desacreditar uma mulher improvável?

Comentários transformaram a discussão sobre o uso da tecnologia em julgamento moral. O que incomodou não foi a utilização da ferramenta, mas o fato de eu não ter vergonha de utilizá-la.

Natalia Beauty

16.fev.2026 às 10h00

Aparentemente, minha última coluna abalou o emocional de muitas pessoas, pois a quantidade de comentários, a maioria ofensivos, jamais foi vista em qualquer outro momento. O fato é que a manifestação demonstra um preconceito disfarçado por alguém como eu ter um espaço de fala aqui na Folha.

Primeiro o sobrenome "Beauty", que, em tese, não tem credibilidade, agora a inteligência artificial, que uma colunista "intelectualizada" não deveria usar. Na verdade, o júri só vai mudando o argumento para achar algo de errado e combater o espaço que o jornal me ofereceu, um lugar de fala de mulheres que são improváveis, que eu conquistei com resultados reais e com impacto efetivo na vida de tantas pessoas, principalmente mulheres. Esse espaço de fala é uma gota de esperança para que outras mulheres, inclusive outras "beauty", também acreditem que podem conquistar o "impossível".

O tribunal de plantão, que honra a sua função com louvor, transformou a discussão do uso da tecnologia em julgamento moral na velocidade da luz. Prontos para regurgitar o ódio cuidadosamente cultivado, os juizes vorazes não perderam tempo e teclaram os comentários com fervor em diversas plataformas.

Confesso que poderia ignorar todos eles, pois seria mais confortável, mas como não sou de fugir de um embate, aqui estou, teclando com meus próprios dedinhos cada letra desse artigo (plateia: esteja pronta para identificar se este artigo foi escrito por IA no Pangram).

Descobri, pelos comentários, que sou uma fraude, plagiadora, preguiçosa e uma ameaça à família tradicional brasileira ou à casta pseudo intelectual nacional. Mas poucos, pouquíssimos, entenderam que se uma tecnologia estrutura um texto ela não substitui opiniões e pensamentos, já que escrever nunca foi apenas apertar teclas, mas sim compartilhar argumentos, visões, vivências, assumir posições, sustentar consequências.

Alguns zombaram afirmando que a confissão é a prova de culpa. Outros aplaudiram a coragem, mas para mim foi apenas uma atitude de transparência, um comportamento que faz parte do meu DNA. Gosto de enfrentar debates, gosto de ouvir argumentos, aprecio

avaliar o comportamento humano. Aliás, tenho uma amiga que sempre diz: o "projeto humanidade" deu errado. Pode ser... Mas não é o momento de desistir dele.

Na minha humilde análise, já que segundo alguns leitores eu não sou especialista em nada, o que incomodou não foi a utilização da ferramenta, mas o fato de eu não ter vergonha de utilizá-la rotineiramente, porque se o problema for tecnológico, talvez o diagnóstico precise ser revisto. Se for ideológico, seria interessante assumirem, mas se for apenas resistência ao novo disfarçada de moralidade, a discussão não é sobre mim.

A turma do pseudo intelectualismo ficou bem incomodada. Por quê? Porque primeiro, quando havia só a escrita, quem escrevia tinha uma casta maior, era considerado superior aos outros. Quando grande parte do mundo começou a escrever, entrou a intelectualidade, a cultura, o repertório como elemento de diferenciação. E agora com a IA, "os nobres" estão se sentindo ameaçados novamente, porque, em tese, ser intelectual é saber transmitir o que pensa de forma crítica, autônoma e sistemática com domínio da linguagem e, convenhamos, quem domina com maestria uma IA, pode ser considerado um facilmente.

Sempre bom lembrar que responsabilidade não é delegável, pois quem assina responde, e que a ferramenta não é substituição. Autoria envolve responsabilidade, não sofrimento manual. Pensamento, inteligência, conhecimento, sabedoria não são medidos pelo número de horas gastas digitando.

No fundo quem critica usa tecnologia o tempo todo. Ninguém exige que um médico recuse algoritmo de diagnóstico. Ninguém exige que um juiz escreva a mão. Ninguém exige que um executivo faça planilha no papel, mas para um artigo de opinião, virou pecado mortal usar IA, caminho direto para as profundezas de um novo décimo círculo do inferno de Dante, superando a tal traição deliberada de benfeitores.

Dito isso, fico feliz por acender esse debate e sigo acreditando que muitas vezes a coragem é mais importante que as palavras.

Próxima semana, voltamos a programação normal.

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/natalia-beauty/2026/02/primeiro-o-beauty-agora-a-ia-qual-sera-o-proximo-argumento-para-tentarem-descredibilizar-uma-mulher-improvavel.shtml>

7) 16.fev.2026 (20h) — João Pereira Coutinho (Colunas)

Título: *Textos por IA são como a masturbação, satisfazem, mas não convencem*

Eixo dominante: existencial/estético (presença humana na escrita)

Tese: escrever é habitar o tempo; ler é encontrar alguém; texto sem sujeito é perda de convivência humana.

Força do texto

- introduz um eixo ontológico: a escrita como experiência e relação, não só produto;

- desloca do “certo/errado” para o que se perde no plano simbólico.

Pontos vulneráveis

- alta carga metafórica e ideal romântico do escritor;
- não distingue níveis de uso (rascunho vs coautoria vs substituição).

Textos por IA são como a masturbação, satisfazem, mas não convencem

De que serve a perfeição se vou ao barbeiro para conversar

Escrever é mais que otimizar o tempo, é viver dentro dele

16.fev.2026 às 20h00

João Pereira Coutinho

Sento na cadeira do barbeiro. É o mesmo barbeiro desde os meus 12 anos. É a mesma rotina também. Ele se aproxima e pergunta "como vai ser?" A resposta foi variando nesses 30 e tantos anos —corte americano, colegial, degradê suave etc. Hoje, com a alopecia avançada, digo apenas "um milagre, por favor".

Ele faz milagres, tratando cada fio de cabelo como cientistas tratam o vírus do ebola em laboratório: com calma e delicadeza, sabendo que um gesto em falso pode ter resultados devastadores.

Mas o melhor do barbeiro não é o talento com a tesoura. São as conversas. Mulheres, futebol, alguma política, memórias de juventude —não necessariamente nessa ordem. E são as expressões também, as expressões populares da cidade do Porto, poéticas e rudes, com um sotaque impossível de reproduzir por escrito.

Na última visita, depois de me contar infelicidades várias, arrematou tudo com essa pérola teológico-linguística. "É tudo a ajudar ao pau da cruz". Desafio qualquer escritor profissional a criar uma expressão que conjugue de forma tão perfeita o peso da cruz que carregamos e o peso que os outros nos acrescentam.

Mas voltemos às infelicidades. São domésticas e profissionais. Fico nas profissionais. Há uma máquina chinesa, disse ele, que promete roubar o trabalho dos barbeiros nos próximos anos.

Funciona assim: primeiro, a máquina tira as medidas da cabeça do sujeito —altura, largura, topografia, imperfeições; depois do reconhecimento, adapta a lâmina à caixa craniana —pente 1 aqui, pente 1,5 ali, pente 0,5 do outro lado. É o corte perfeito, concluiu ele, já se imaginando na fila da sopa dos pobres.

Comigo, não. Jamais entregaria a cabeça a uma máquina chinesa. As máquinas não têm vida, nem histórias, nem conversa. De que me serve a perfeição se eu vou à cadeira do barbeiro para conversar? Uma máquina chinesa só serviria para ajudar ao pau da cruz.

Aliás, o que vale para o exterior do crânio vale também para o que existe dentro dele. Esses dias acompanhei com fascínio o caso da colunista Natalia Beauty, que assumiu nesta Folha usar inteligência artificial na escrita dos seus textos.

Gostei da honestidade da confissão. Pensei nos argumentos. A IA é uma "ferramenta", escreveu a colunista, que serve para "otimizar" o tempo. Beauty fornece os "pensamentos", por comando de voz. A IA faz o trabalho "braçal" da escrita, digamos assim, exatamente como a indústria automóvel usa braços mecânicos para "soldar, montar, pintar e acelerar processos". Qual é o mal?

Nenhum, se tivermos da escrita uma visão puramente industrial. Se tudo que interessa é "acelerar processos", podemos aplicar aos textos da IA o mesmo critério que aplicamos à masturbação: satisfaz, sem dúvida. Mas convence?

Falo por mim: não convence. Nem como escritor, nem como leitor. Pensar e escrever não são universos distintos. Escrever também é um modo de pensar —e os pensamentos, que podem existir antes do ato, são transformados pelo processo criativo.

É isso que explica que, para muitos escritores, a escrita continuaria sendo uma necessidade vital mesmo que não publicassem uma única linha. Muitos não publicaram, ou só o fizeram modestamente, como Fernando Pessoa. Outros ordenaram a destruição dos seus inéditos em caso de morte, como Kafka ao amigo Max Brod —que, felizmente, não cumpriu esse desejo.

Um escritor não quer otimizar o tempo; ele quer habitar o tempo por meio da escrita, da mesma forma que um pintor quer pintar ou um compositor quer compor. É uma forma de respiração.

Como diria o meu barbeiro, a principal diferença entre a masturbação e o sexo é que, no sexo, há mais convivência. Sábio homem. Escrever é conviver conosco mesmos.

Na leitura, a mesma coisa: ler é conversar com o autor. É imaginar um rosto humano por trás de cada página; imaginar a vida, a angústia, a alegria, os impasses, os delírios de quem juntou aquelas palavras com arte e engenho.

Como dizia C.S. Lewis, lemos para saber que não estamos sós. Para um leitor genuíno, não basta o texto; é preciso o pretexto que o tornou possível. Se não existe ninguém do outro lado, é como olhar para um espelho que não nos devolve o reflexo.

A inteligência artificial, como ferramenta, pode ter a sua importância editorial —corrigindo, sugerindo, lapidando, sobretudo quando são raros os editores que ainda fazem esse serviço. Mas um texto literário gerado por IA é diferente de um texto escrito por alguém de verdade, mesmo que ambos usem palavras. É como beijar: podemos beijar uma estátua. Mas eu ainda prefiro os lábios quentes de um ser humano.

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/joaopereiracoutinho/2026/02/textos-por-ia-sao-como-a-masturbacao-satisfazem-mas-nao-convencem.shtml>

8) 16.fev.2026 (21h12) — Joel Pinheiro da Fonseca (Colunas)

Título: *A IA já escreve melhor do que você?*

Eixo dominante: econômico/democratizante (habilidade técnica, mercado, competição)

Tese: parte do prestígio intelectual era técnica automatizável; IA reduz barreiras e reconfigura hierarquias.

Força do texto

- explicita a dimensão de mercado: **destruição criativa** e choque competitivo;
- provoca o leitor ao mostrar que “escrever bem” pode ser, em parte, técnica replicável.

Pontos vulneráveis

- reduz escrita a performance externa (resultado), ignorando processo formativo;
- não trata confiança editorial nem distinção entre tipos de texto (opinião vs burocrático);
- não propõe critérios de transparência.

A IA já escreve melhor do que você?

Natalia Beauty tem razão ao dizer que as ferramentas de IA democratizam o que antes era uma habilidade de poucos

O que dói não é a IA produzir bons textos, mas perceber que muito da nossa 'genialidade' era técnica automatizável

16.fev.2026 às 21h12

Joel Pinheiro da Fonseca

Natalia Beauty é o futuro. Ela tem razão ao dizer que as ferramentas de IA democratizam o que antes era uma habilidade de poucos: transformar ideias e argumentos em texto, imagem ou vídeo, antes o monopólio de intelectuais e artistas.

A maioria das pessoas aceita sem grandes problemas o uso de IA para fazer pesquisas, traduzir ou revisar gramática; mas escrever texto? Aí não! Formular as frases que irão para o papel seria ir longe demais, isso já invadiria o santuário da criatividade.

Eu não gosto do estilo padrão dos textos de IA, que aliás é fácil de identificar. Mas muita gente não só não liga como gosta, a julgar pelo sucesso de contas nas redes que vivem de publicar textos obviamente gerados por IA.

Com alguns ajustes nas instruções, ademais, é possível melhorar o estilo padrão, fazendo-o inclusive imitar o nosso próprio. A qualidade aumenta a cada atualização. Ou seja: aquela habilidade longamente cultivada de escrever um texto —ou de criar uma ilustração, ou programar um aplicativo— vai valer cada vez menos no mercado. A habilidade de encontrar e encadear as palavras é uma como tantas outras.

E até aqui estamos ainda tratando o núcleo do pensamento —o ter ideias e pensar argumentos— como prerrogativas humanas. E se "autores" de IA forem capazes de prever e expressar com mais talento as diferentes posições em cada novo assunto do debate público? A maioria de nós não quer ouvir um personagem inexistente de IA. Mas, se ele fosse apresentado como uma pessoa real, quantos de nós perceberíamos? Talvez já estejam por aí.

"A IA não pensa, ela só junta palavras". É verdade. Mas isso não importa se o resultado da simulação inconsciente for melhor e mais rápido que o resultado das máquinas pensantes de nossas cabeças. Nós só temos acesso aos produtos das outras mentes, não à caixa-preta que os gerou.

A extensão da mudança ainda não está clara. Os ganhos econômicos de produtividade prometidos pela nova geração de IA ainda não apareceram com clareza nos números, mas muita coisa já está mudando. Pode ser algo singelo como a redução da demanda por mão-de-obra intelectual em funções mais burocráticas. Ou pode ser que o trabalho intelectual humano seja completamente transformado. Esses dias uma IA fez uma descoberta em física de partículas. Quem fingir que nada está acontecendo será atropelado.

Os pretextos para fugir da IA são muitos: o estilo clichê, as alucinações (cada vez mais raras), mitos sobre uso excessivo de água ou de energia, violação de propriedade intelectual. O resultado é um só: te deixar despreparado para uma mudança que, gostemos ou não, virá. Por isso, não queiram banir Natalia Beauty: aprendam com ela. E com a Folha, o palco ideal desse debate, por permitir visões radicalmente diferentes com grande liberdade de atuação. Isso é um mérito.

Aproveitei e pedi para o GPT 5.2 usar sua criatividade e insight para escrever um último parágrafo que dê uma conclusão às ideias aqui apresentadas. Lá vai:

O que dói não é a IA produzir bons textos. É perceber que muito da nossa "genialidade" era técnica automatizável. Se uma simulação fria nos superar, não será porque a máquina ganhou consciência —será porque superestimamos a profundidade do nosso próprio pensamento.

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/joel-pinheiro-da-fonseca/2026/02/a-ia-ja-escreve-melhor-do-que-voce.shtml>

9) 18.fev.2026 — Sérgio Rodrigues (Colunas)

Título: *Este texto foi escrito sem auxílio de IA*

Eixo dominante: civilizacional/formativo (cultura letrada, autonomia)

Tese: terceirizar a escrita ameaça a própria base do pensamento crítico e da cultura escrita; risco intergeracional.

Força do texto

- diferencia (mais que outros) formas de uso e alerta para perda de competência;
- transforma o debate em questão de **autonomia cultural**.

Pontos vulneráveis

- pode soar inevitabilista/apocalíptico (“delegação = perda”);
- subestima possibilidades de letramentos híbridos bem desenhados.

Este texto foi escrito sem auxílio de IA

Abrir mão da escrita artesanal seria tiro do jornalismo no pé

Pasta sintética de linguagem não pode escapar da mediania

18.fev.2026 às 15h56

Sérgio Rodrigues

A controvérsia levantada pelo caso de Natalia Beauty —que defendeu em sua coluna nesta Folha mandar a inteligência artificial escrever por ela— vai ser, a médio prazo, a menor das nossas preocupações.

Por mais importante que seja debater o que constitui a autoria, tanto no mundo jornalístico como no editorial ou no acadêmico, a IA generativa apresenta um desafio ainda maior à nossa espécie.

No caso do jornalismo, a questão deve se sedimentar em poucos anos. Como é difícil imaginar um modelo de negócio em que empresas de comunicação consigam cobrar por textos que qualquer pessoa poderia gerar sozinha em casa, algum código de ética promete se impor.

Não é coisa simples de fazer. Há uma diferença ululante entre encomendar ao ChatGPT 30 linhas sobre um tema e publicá-las —ou usar a IA para pesquisar sobre esse tema, ler aquilo criticamente, peneirar alucinações e escrever 30 linhas com a própria cabeça.

No primeiro modo de interação com a máquina, o resultado é um texto genérico; no segundo, um texto particular. No primeiro, mediania de expressão, tendência ao já dito —ou falsidade, se o robô aloprar. No segundo, a possibilidade de uma fagulha no entrechoque de palavras, quem sabe de luz nova sobre algum aspecto do mundo.

Isso se deve a uma limitação estrutural dos Large Language Models (LLMs). Eles não lidam com o problema, mas, de modo estatístico, com as palavras um dia usadas para lidar com o problema. Sua resposta é uma pasta sintética de linguagem, não a expressão de um pensamento real.

Se os dois modos de uso da IA na escrita profissional não se confundem, há incontáveis tons de cinza entre eles. Destrinchar essa paleta é a missão dos códigos de ética futuros.

Naquela parte —não pequena— da massa textual jornalística que tem puro valor informativo e prescinde da ideia de autoria, a lógica econômica aponta para a adoção em massa do primeiro modo, com o trabalho humano limitado ao de filtrar as cascatas.

Quando se exigir alguma medida de autoria, pensamento original ou responsabilidade testemunhal, é improvável que o jornalismo abra mão do texto produzido artesanalmente. Seria perder de 7 a 1 com sete gols contra.

Nada disso, contudo, vai importar tanto assim se a humanidade terceirizar toda a sua escrita para a IA. Sendo a espécie que inventou o elevador e o controle remoto, será uma surpresa se não fizermos exatamente isso.

Desaprendendo a trabalhosa escrita —consequência inapelável dessa escolha—, teremos perdido em duas gerações o domínio da tecnologia em que se basearam milhares de anos de produção e acumulação de conhecimento e pensamento crítico.

Para quem não souber escrever, a IA não poderá ser "ferramenta" de escrita. Troque-se escrita por qualquer outra atividade e a frase permanecerá válida. Nunca houve um projeto humano que tivesse, nem de longe, tamanho poder de alienação.

O ser humano ideal das empresas de IA é aquele que só faz o que o robô manda e continua se achando agente. E ainda nem falamos do custo ambiental apocalíptico da bagaça.

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/sergio-rodrigues/2026/02/este-texto-foi-escrito-sem-a-uxilio-de-ia.shtml>

10) 22.fev.2026 — Álvaro Machado Dias (Colunas)

Título: *Três princípios para escrever com IA, em ordem crescente de terceirização*

Eixo dominante: metodológico/pedagógico (literacia de IA)

Tese: o problema não é usar IA, mas **como usar e quanto terceirizar**; é preciso graduar, auditar e impor restrições.

Força do texto

- desloca o debate para a prática: critérios, níveis, técnicas e prevenção de erro;
- introduz gradação de terceirização e noção de “proibir bem exige saber o que você detesta”.

Pontos vulneráveis

- naturaliza a adoção como inevitável e trata confiança como variável situacional;

- não enfrenta a escala social do problema formativo (o que acontece quando “todo mundo terceiriza”).

Três princípios para escrever com IA, em ordem crescente de terceirização

Em textos com pretensão factual, exigir links comprobatórios e verificação das fontes reduz alucinações confiantes

Dizer ao modelo o que não fazer rende mais do que qualquer instrução positiva, e aqui o ChatGPT leva a melhor

22.fev.2026 às 7h00

Álvaro Machado Dias

Uma fratura atravessa a ciência cognitiva desde antes de ela ter esse nome: até que ponto a linguagem constrói o pensamento e até que ponto apenas o projeta para fora do crânio. Quem comete um chiste sabe que a linguagem que carrega também fabrica, ao passo que quem tem clareza do que vai falar antes de abrir a boca entende que nem sempre é assim.

Essa dualidade tem uma face ética. O texto pode refletir o desejo de conduzir as pessoas pelas paragens consideradas necessárias para que se chegue em algum lugar, ou ser apenas um encadeamento coerente, talvez até relevante, mas desacoplado de um roteiro interior. De fora, nem sempre é fácil distinguir as duas coisas, o que faz da leitura um ato de confiança.

O problema de usar IA para escrever discursos de casamento ou pedidos de desculpas mais sérios, como virou regra, reduz-se à quebra de confiança; de resto, é um favor à humanidade. Esse é o princípio mais fundamental para o bom uso dos LLMs: a relação com os seus interlocutores subsume você, ou gira em torno da eficácia da mensagem? Há casos e casos.

O segundo princípio é tático: que IA usar para escrever? Claude e ChatGPT estão acima das demais e há quem se impressione com um ou com o outro. Mas performance não é o critério que mais importa. O Claude é mais questionador, empurrando o pensamento do usuário. O ChatGPT é mais obediente e direto. A maioria prefere este àquele por confundir fricção com mau serviço, mas é justamente quando falta clareza que a resistência do modelo ganha relevo — e é aí também que o critério ético se impõe.

Para tarefas de execução, texto utilitário, planejamento ou reescrita, o ChatGPT costuma levar vantagem. E em conversão de áudio ou vídeo em narrativa textual, o Gemini tende a superar ambos.

O derradeiro princípio é operacional. Prompts importam. Quem usa IA para pensar melhor deveria começar pelo pré-mortem: peça ao modelo que assuma que o seu argumento, bem descrito, tem uma falha fatal e que a encontre. Algo como: "Aqui está minha tese sobre X. Assuma que ela está errada e me mostre isso". Rebata até que a tese desmorone ou se revele inviolável. Esse prompt tem mais efeito no Claude, que resiste por design.

Avançando na delegação do pensar, diga ao modelo que construa o melhor argumento a favor de uma posição, o melhor contra e as condições em que cada lado prevalece. Faça o mesmo com as premissas. Para quem está meio perdido, o processo abre caminhos.

Em textos com pretensão factual, exigir que a IA apresente links comprobatórios e cheque se as informações estão mesmo lá reduz as alucinações confiantes. Soa absurdo pedir à máquina que se audite, mas em parte funciona.

Finalmente, a técnica mais subestimada: proibir. Dizer ao modelo o que não fazer ('não explore as ideias mais recorrentes, não seja conciliador') rende mais do que qualquer instrução positiva. Aqui o ChatGPT leva a melhor, já que obedece proibições com rigor maior. Só que proibir bem exige saber o que você detesta, e isso não se terceiriza.

Esses princípios elevam gradativamente a contribuição da IA àquilo que gostamos de chamar de nossas ideias, até esbarrar no que só depende de cada um, o que em muitos casos é bem pouco. Enquanto isso, do outro lado, alguém ainda confia que é você quem está falando.

P.S. agradeço a Pedro de Burgos pelo diálogo enriquecedor.

<https://www1.folha.uol.com.br/columnas/alvaro-machado-dias/2026/02/tres-principios-para-escrever-com-ia-em-ordem-crescente-de-terceirizacao.shtml>

Síntese final: o mapa das tensões que emerge da cronologia

A sequência cronológica revela que o debate evolui em camadas:

1. **Gatilho editorial (confiança/transparência)** — Ombudsman abre o caso.
2. **Defesa instrumental (autoria = responsabilidade)** — Beauty enquadra como produtividade.
3. **Genealogia do ofício (mediações históricas)** — Markun normaliza a “mão invisível”.
4. **Crítica cognitiva (atalhos e formação)** — Reinaldo alerta para empobrecimento.
5. **Reforço editorial (direito de saber)** — Ombudsman insiste no valor de rotular.
6. **Deslocamento identitário (legitimidade social)** — Beauty troca eixo para preconceito.
7. **Virada ontológica (presença humana na escrita)** — Coutinho.
8. **Virada econômica (habilidade e mercado)** — Joel.
9. **Alarme civilizacional (cultura letrada)** — Sérgio.
10. **Resposta metodológica (literacia e gradação)** — Álvaro.

O “núcleo duro” que permanece, atravessando quase todos, é este: **o que o leitor compra quando compra uma coluna?**

- a ideia?
- a assinatura?
- a voz e o estilo?
- o processo?
- a garantia de presença humana?

E, do ponto de vista editorial, a pergunta prática que ninguém resolve plenamente (mas que estrutura a desconfiança) é: **qual grau de uso exige sinalização — e como padronizar isso sem virar teatro ou burocracia?**

